

6. Considerações finais

A proposta deste estudo consistiu em avaliar como a questão da presença e do lugar dos pais na clínica psicanalítica com crianças estava situada no campo teórico, já que tal problema sempre mobilizou questionamentos em nossa prática clínica. Freud nos lembrava que cada paciente é um novo conjunto de enigmas. Era assim também que ele compreendia o sintoma: como um enigma a ser decifrado no decorrer do tratamento pela fala, pelo simbólico que o sustenta.

Foi a partir desse caráter enigmático, disso que tantas vezes se apresenta como indissolúvel no sintoma que o nosso trabalho se inspirou. Os casos acompanhados durante a experiência no IPUB/UFRJ revelavam exatamente que a clínica se faz a cada vez, a cada encontro e, quase nunca conseguimos, como analistas, traçar um caminho contínuo, unidirecional. Avanços e recuos estão sempre presentes, dados que a clínica com crianças parece nos mostrar de maneira mais evidente.

Na tentativa de abordar tais especificidades, iniciamos o nosso trabalho apresentando as transformações que ocorreram, no decorrer dos séculos, no que diz respeito à noção de criança e a própria construção da ideia de infância. Vimos que a psicanálise surge num momento em que a criança já ocupa um lugar diferenciado no campo social e na estrutura familiar, lugar, porém, orientado por um discurso moral e pedagógico. No entanto, a clínica e a teoria psicanalíticas apontavam a presença de um infantil irreduzível no adulto; assim, as primeiras marcas da vida do sujeito estruturariam seu psiquismo.

Seguindo a teoria freudiana vimos que o aparelho psíquico tem seu funcionamento inaugurado no movimento de exigência próprio da atividade pulsional. Inicialmente tomado pelo desamparo em sua condição primordial, o filhote humano começa a organizar a confusão pulsional através dos cuidados e apoio do outro materno. A partir das experiências de angústia e desamparo, até a primeira infância o perigo pode ser revelar pelo perigo da perda do objeto, em

função da estreita relação da criança com o outro; posteriormente esse perigo toma a forma de angústia de castração e medo do supereu, de modo que uma certa tensão permanente torna-se característica do psiquismo.

Após identificarmos na obra freudiana uma variedade de ideias sobre a infância e o infantil, destacamos o caso clínico do pequeno Hans como texto inspirador da construção do campo da psicanálise com crianças. Caminho aberto com Hans, partimos para as primeiras experiências de psicanalistas na clínica com crianças. Vimos com Anna Freud uma tendência a transformar a situação analítica em atividade pedagógica, visto que a autora sustentava ser incapaz de haver o estabelecimento da transferência entre criança e analista, pois a criança ainda estaria presa às relações reais com os pais como objetos de amor.

Com Melanie Klein, a psicanálise com crianças, elevada a um estatuto legítimo, passa a centrar-se na técnica do brincar como expressão simbólica dos conteúdos inconscientes. Através desse instrumento o analista teria acesso e poderia intervir, via interpretação, no material fantasmático da criança. Mostramos ainda algumas das principais ideias de Winnicott, outro importante psicanalista que se dedicou às crianças e desenvolveu uma teoria sobre o espaço transicional e a função dos objetos na construção do psiquismo do bebê.

Ainda no quarto capítulo, vimos a influência do ensino de Lacan nas experiências clínicas de Françoise Dolto e Maud Mannoni, psicanalistas francesas que trataram de recolocar a questão dos pais no tratamento infantil, reconhecendo a importância dos mesmos no sucesso da condução clínica.

No último capítulo fizemos um apanhado da questão a partir dos autores trabalhados anteriormente. Na tentativa de enriquecer a discussão, tratamos de apresentar três casos clínicos atendidos no SPIA/IPUB/UFRJ a fim de ilustrar que ao mesmo tempo em que inclusão dos pais é importante ao tratamento da criança, as repercussões dessa inclusão podem dificultar ou mesmo impedir a continuidade do trabalho, caso o analista encontre fortes obstáculos no manejo com os pais.

Destacamos que as dificuldades encontradas se referiram tanto à relação de transferência/contratransferência, quanto aos aspectos e limites institucionais. Nossa aposta, perspectiva mesma da psicanálise, consistiu em “abrir brechas” nos conflitos que se apresentavam às crianças, através da fala e dos jogos, de modo que elas pudessem encontrar outras vias de expressão e construir um novo rumo à

sua história, sem que o recurso ao sintoma representasse a única via de expressão do conflito, immobilizando-as no gozo ali instaurado.